

**Oficina do Fazer: um projeto de coletividade e senso
de pertencimento à cidade e a própria saúde**



A Oficina do Fazer já tinha este nome quando uma enfermeira e uma terapeuta ocupacional recém lotadas no serviço decidiram dar continuidade à oficina. No entanto, a proposta anterior utilizava da produção de artesanatos para o seu “fazer” e, naquele momento, havia um tapete de retalhos que já estava em processo de construção. Dando continuidade ao artesanato, percebeu-se que a atividade em si não envolvia todos os usuários, além de ser uma proposta que não gerava emancipação, era um fazer por fazer.



Tapete de retalhos 08/2022.

Foi refletindo sobre a ausência de um propósito naquela atividade que se pensou em uma outra configuração de oficina, considerando envolver mais os sujeitos e que fosse significativa para os mesmos. Assim, a ideia de mudança surgiu e foi trazida para os usuários.



Construção de cartazes em alusão ao Dia Nacional de Combate ao Colesterol e Dia Nacional da Saúde. Participação de estagiários.

As ações desenvolvidas visavam reunir o grupo e perguntar o que eles gostariam de desenvolver durante a oficina, e isso significava trazê-los para o planejamento das atividades. Assim também era usado o Calendário da Saúde com norteador das temáticas de cada mês, as datas comemorativas e importante presentes no nosso calendário nacional.



Discussão sobre saúde mental no território, participação da Escola da Vida e Centro de Referência da Juventude, além de profissional técnica de enfermagem do CAPS São Pedro.

A Oficina do Fazer se configura como um grupo de atividades que envolvem os usuários do CAPS III de diferentes faixas etárias (jovens, adultos e idosos) com uma configuração acessível para incluir e fomentar o envolvimento das pessoas com deficiência física e cognitiva, com diferentes níveis de suporte. Visa-se um fazer significativo, emancipatório e coletivo.



Decoração do CAPS III SP para o carnaval.

A oficina acontece semanalmente, sempre nas quintas-feiras à tarde. O planejamento das atividades e dos temas a serem abordados ao longo do mês é realizado na primeira quinta-feira de cada mês, em reunião com os usuários e as facilitadoras (enfermeira, terapeuta ocupacional e, mais recentemente, arteterapeuta). Utiliza-se o calendário de saúde, o calendário mensal e uma agenda para registrar as ideias surgidas, a partir das quais é estruturado o cronograma das atividades para as semanas seguintes.



Promoção da saúde bucal com as mestrandas do curso de odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Já foram realizadas diversas atividades no território e dentro do CAPS, tais como piquenique na praia e parques municipais, ida ao território para fiscalizar obra da prefeitura, cinepipoca dentro do CAPS e ida ao cinema, educação em saúde com a criação de cartazes e envolvimento no planejamento das atividades do CAPS - como tema da festa dos aniversariantes e decoração -, produção de materiais visuais para conscientização sobre a luta antimanicomial, suporte na organização de rifas etc. Também trabalhamos na Oficina do Fazer assuntos que dizem sobre a RAPS de Vitória e as articulações de outros serviços do território. Abordamos temas como a vida, a morte e questões sociais que impactam profundamente nossa sociedade, causando prejuízos significativos à população, como o racismo, o machismo, o patriarcado, a meritocracia, o capitalismo e as diversas formas de violência que deles decorrem.



Fomento a participação dos usuários nas discussões do Núcleo Estadual da Luta Antimanicomial do Espírito Santo que ocorreu na Casa do Cidadão de Vitória.

As dificuldades enfrentadas durante a oficina refletem a própria dinâmica de grupo, como manter a palavra circulando entre os participantes, garantir que o espaço seja coletivo e não individual, e chegar a um consenso sobre as atividades e a forma de realizá-las.



Piquenique Parque Botânico Vale. Aqui tivemos a participação do profissional de educação física.

Os materiais e dispositivos utilizados para o desenvolvimento da Oficina do Fazer são diversos. Envolvem tanto materiais de papelarias, como lápis de cor, canetinhas, cartolinas, fita adesiva, tesouras, revistas etc, como também recursos individuais e subjetivos: habilidades que cada sujeito tem para realizar uma parte de uma atividade, cartão de passe de ônibus, o próprio transporte público em si e recursos da comunidade, como espaço público e eventos pertinentes.



Cinepipoca com o curta-metragem O Xadrez das Cores com a proposta de trabalhar sobre questões do racismo e branquitude.

A proposta da Oficina do Fazer contribui para a qualificação da RAPS no município de Vitória/ES a partir da proposta de educação em saúde, fomento ao conhecimento da própria rede e serviços, suas funções no cuidado e, assim, facilitar o maior protagonismo dos sujeitos no cuidado da própria saúde. Também fomenta o apoio mútuo, a construção de coletividades e de novos rearranjos de suporte entre os usuários e deles com o serviço CAPS.



Fiscalização da obra da nova orla de São Pedro. Participação do musicoterapeuta e estagiários.

A experiência da Oficina do Fazer permite o trabalho interdisciplinar dialogado. Os núcleos de competência de cada trabalhador são considerados como colaboradores no processo, cada área de conhecimento contribui com o seu saber. A enfermagem, por exemplo, traz toda a expertise sobre a saúde coletiva considerando aspectos que atravessam a saúde no nível de cuidado básico, como também especializado. A terapia ocupacional agrega no campo do fazer humano, das atividades engajadoras e significativas, e na proposta de grupo em si. A arteterapia permite que o engajamento de cada sujeito seja uma construção única e coletiva de modo que o exercício da construção de algo alcance aspectos da subjetividade. O aprendizado adquirido enquanto equipe durante a oficina do Fazer uni os saberes e alcança os sujeitos de modo cuidadoso e emancipatório.



Participação no planejamento do tema Olimpíadas para a Festa dos Aniversariantes do mês. Participação de estagiários.

As atividades da oficina têm como objetivo priorizar a saúde em sua dimensão integral, enfocando não a doença, mas a experiência coletiva e o potencial do território. Os usuários demonstram grande satisfação com a oficina, e trabalhamos de maneira colaborativa ao longo de todo o processo. O que motiva os profissionais da Oficina do Fazer no cotidiano de trabalho na RAPS é a oportunidade de desenvolver um trabalho compartilhado, que fortaleça a articulação em rede, tanto intra quanto intersetorial. Isso se reflete na interação entre diferentes serviços da RAPS e da rede ampliada, criando uma abordagem mais integrada e eficaz para o cuidado e a atenção às necessidades dos usuários.



Ida ao Museu de Ciências da Vida na Universidade Federal do Espírito Santo. Participação dos profissionais da enfermagem, psicologia e estagiários.

Entre as atividades resultantes dessas articulações, destacam-se a ação de promoção da saúde bucal realizada por mestrandas de odontologia da UFES, uma roda de conversa sobre saúde mental aberta à comunidade na Escola da Vida, e um piquenique na Ilha das Caieiras, em parceria com o Centro de Referência da Juventude (CRJ) de São Pedro. Contamos com parceiros, tanto da RAPS quanto externos, para fortalecer a abordagem integral aos usuários do CAPS e ampliar o debate sobre saúde mental e a luta antimanicomial na sociedade.



Cesta Natalina construída pelos usuários e demais pessoas para arrecadar fundos para comemorar os 10 anos do CAPS III São Pedro.



Ida ao CineMetrópolis da Universidade Federal do Espírito Santo. O CAPS Ilha de Santa Maria (CAPS II) também estava presente. Aqui tivemos a participação de outros profissionais, como psicólogo, técnico de enfermagem, educador físico e estagiário.

Por ser uma oficina que trabalha com no e com o território, com desejo dos sujeitos e o protagonismo de cada um no cuidado da própria saúde, a Oficina do Fazer tende a ser um momento de leveza e descontração. Em cada execução da proposta experimentamos sentimentos de potência, satisfação, alegrias e descontração. Em situações mais complexas, buscamos acolher e apoiar, também dividimos tarefas e as demandas que emergem, o que tende a ser menos cansativo e mais fluido.



Uso do material Biscuit durante a oficina, a proposta aqui era usar a criatividade de modo livre.

A arte e a cultura estão presentes nas práticas, à medida que acessamos espaços como galerias de arte, teatros e museus. Nas discussões em grupo, também resgatamos aspectos da vida cotidiana, familiar e das dinâmicas dos indivíduos em seu território. Embora não foquemos no aspecto individual, reconhecemos as singularidades das pessoas em seu dia a dia fora do CAPS, promovendo a compreensão das diversidades e o respeito mútuo entre os participantes. Incentivamos a prática da cordialidade, por meio da discussão sobre direitos individuais e coletivos, muitas vezes desconhecidos pelos usuários.



Cartaz em alusão da chegada da primavera. Estão presentes estagiário e técnica de enfermagem.